

Entre Eros e Calíope: o Sujeito e a Razão enquanto poiésis, nos termos de uma *eroticidade* das relações

Resumo: A nossa hipótese é que a densidade e intensidade das relações sociais pode gerar desrazão que se plasma numa eroticidade no contexto urbano, enquanto que no cenário campestre as doenças maníacas são menos verificáveis. Pretendemos analisar esta hipótese (mitológica) e provar que ela não corresponde à verdade e realidade, adiantando o quadro teórico de uma nova disciplina, a Outrologia.

Palavras-Chave: Sujeito, cidade, erotismo, **relações sociais**, concreção, **felicidade**, psiquiatria

1. A Solidão, Humana e Animal: Fim ou Ponto de Partida?

O homem precisa de sentido na sua existência. A filosofia interroga a existência e, a meu ver, fornece também respostas, as respostas que não satisfazem com a ciência. Mas, mesmo assim, por ser eternamente insatisfeito, o homem logo fica em solidão triste e deprimido, mesmo com as respostas da filosofia, com as interrogações da filosofia. Terá esta de rever o seu projecto? Mas, o que é o sentido? Todos procuramos fazê-lo, sendo pelo senso-comum, sendo pela ciência, sem ele o homem não progride, pretende, por exemplo, compreender o fogo, como se fosse a sua alma, Espírito-Santo, refere a Igreja. Assim, a erosão da fé é também uma erosão de um certa maneira de ser, de fazer, de inspirar, ou seja, o homem, sobretudo à sua representação chamada tecnologia, está sendo cada vez mais secular, um Ser do século, i.e., do momento e não é só através da obsessão pelos bens materiais, é uma maneira de ser que se instala, quando por outro lado, as crenças espirituais se mantêm acesas, digamos, como forma de vida em prol da societas. Se o homem ocidental crê que o corpo humano não é capaz de coisas espirituais, por um lado, acredita em robotizar, tornar manipulável, uma dádiva tão importante e divina como o corpo e com ele a sexualidade. Por isso, defendo que um dos métodos da filosofia seja o método da antropologia, a saber, o trabalho de campo etnográfico. Porque gera uma história, porque, na vida das pessoas, inspira o filósofo a dar valor às relações humanas enquanto *enchimento* da teoria filosófica.

2. O Poder da Filosofia Versus a Filosofia do Poder

O que terá mais valor, uma casa, construída com as próprias mãos, com projecto arquitectónico e civil, ou o projecto da filosofia? O projecto desta é o texto? Então não existe projecto, porque, meramente, o texto não existe, por si, sendo meramente algo mais do que algo obra do espírito (santo ou profano?). Então, se é que ele existe, onde reside o poder da filosofia? Reside no ardil especulativo e na inacessível postura da teoria filosófica face ao mundo da concreção? Quem faz a ponte entre teoria e prática? Que papel devemos dar, no âmbito de uma teoria filosófica, às relações humanas e sociais? Porque parece desprezar a mais recente filosofia a possibilidade de o sujeito construir e manter relações? A filosofia, então, é a ciência da iluminação, da solidão e da dor psíquica, reservada apenas a outros tantos *iluminati*? Não residirá o poder da filosofia na tarefa, apenas e tão somente, admiravelmente, do ensinar a viver, do educare? Assim, pode ser uma *paideia*. E como joga isto com a privacidade da tarefa do *educare*, onde está a linha entre público e privado, entre dominador e dominando. E porque quer, a propósito da violação de várias estátuas nas ruas das grandes cidades ocidentais, uma certa fatia da sociedade, "apagar" a história, em que muitos filósofos, a maior parte deles anarcas, não fazendo ideia alguma do que custa contruir, seja uma casa seja uma sociedade, um edifício para todos viverem em paz, também se contam nessas fileiras, onde trabalham com jovens radicais de esquerda. Provavelmente são esses mesmos que querem secularizar as nações, num arremesso de super-homens onde o que mais importa é conquistar a sociedade aos homens do poder que controlam as massas pelo consumismo, seja poder mental (o da psiquiatria), seja espiritual (das Igrejas), seja o poder económico (os grandes interesses económicos e bolisistas). Mesmo a ciência pedagógica sufoca os jovens, é bem que os prepara, mas sufoca-os e eles só

querem jogar e acabam por se desviar ou então tornam-se meros drones ou fones do que os pais não foram... Por falar nas relações, no desespero mortal e no demasiado humano, não precisa o filósofo do afecto, do sexo frequente? Por isso a filosofia está próxima da interrogação, por demasiado sexo confunde e, de certa maneira, a especulação não se dá bem com o desejo, porque é desafio da mente e raia da loucura, mesmo quando não se comem umas boas sardinhas assadas.

3. A Antropologia é Corpo, a Filosofia Espírito

O que pretendo afirmar é o seguinte: quando chegamos a um lócus filosófico não será tarde demais? O mito da concreção está enraizado na mente do homem, pelo menos no desenvolvido e ocidental. Nas sociedades primitivas há um grau de reflexão, diria filosófica, porque parte de uma certa ordem social que é eliadiana, não se altera e sempre regressa a si mesma quando se sente abandonada. Numa palavra, o poder da filosofia e da antropologia, coloco as duas no mesmo prato da balança, é não ter poder e essa é a maior e melhor forma de poder. Por outro lado, a filosofia parece estar adstrita a um certo benefício histórico, ou seja, aconteceram os Descobrimentos, ou Encobrimentos, mas a filosofia lá está, para explicar tudo aconteceu, até a violência e pedir desculpa por isso. No fundo, é essa forma de atuar, um sintôma de um localismo histórico e uma certa ideia de Europa...

Ab contrario, temo a europeia laica, liberal e que entende perfeitamente a lógica da sociedade, porque os grandes teóricos sociais eram, na sua maioria, burgueses e percebiam e explicavam a lógica do sobrenatural, por assim dizer, através do estudo das manifestações culturais humanas, nomeadamente dos povos arcaicos, onde a natureza humana estava ainda em gérmen e melhores conclusões sobre ela se poderiam tomar. A filosofia será, então, classista, resultado de um fulgor burguês. Em certo sentido, acredito que sim, que não há tanto o estudo pelo objecto de estudo do que uma pulsão pela afirmação do filósofo ou do cientista social enquanto tal e através da ciência a que servem sob um certo ponto de vista social, pessoal. Por isso, a filosofia não é nem nunca será um desporto coletivo...

4.O Mundo Social e a Densidade das Relações Intrafamiliares. Uma "Outrologia"

A responsabilidade do mundo familiar e as responsabilidades sociais. Há uma *mood* para fazer filosofia? Sofre o bom filósofo de *bullying*? E como é acerca da sua condição social e financeira? Não será melhor filósofo aquele que se apresenta à teoria como usufrutuário da psiquiatria e os conseguiu vencer, enquanto outro nunca conheceram quebra alguma e, em certa medida, nunca questionaram (a si próprios e ao mundo), como é a maior parte dos filósofos e cientistas sociais portugueses. Alguns houve que conheceram praticamente a morte espiritual e se levantaram, para erguer edifícios teóricos extremamente admiráveis. Não os conhecemos, mas existem, de certo. Por isso, lembrando Foucault, não será a filosofia uma forma de biopoder, em vez de uma descrição, mais ou menos geográfica do mundo? Assim, adensam-se as relações familiar, no reino do parecer, são tensionais as relações entre familiares, mas só há isto, o que se passa na família, e o que se possa passar além dela. Escolhemos os amigos, não escolhemos a família, diz-se em conhecimento popular. E, mais ainda, santos da casa não fazem milagres. Quando os dois níveis de entendimento social estão em máxima tensão, o sujeito cede, daí a psiquiatria no âmbito das relações de poder, entre os nascidos e aqueles que vieram a aparecer por mor de contrato social, esticando-se, como se diz, querendo conquistar espaço. Se um não tem a coragem de ceder, a tensão é insuportável e gera uma certa forma de esquizofrenia social que só pode descambar na licenciosidade e desgarrada loucura, sobretudo senão há veículo de movimento para outro lugar, se não há fuga e mesmo que esse Ser ajude os outros, habitua-se para sobreviver, porque sempre esteve habituado ao mau tratamento. Assim, a filosofia torna-se terra de ninguém, completa anarquia, indo além disso, tal como meteoritos divagando no espaço e batendo uns

contra os outros. É o fim da ciência social, porque os corpos encontram-se uns com os outros sem motivo algum, apenas pelo ardor do toque, do choque, do intercâmbio. Então, como numa bela história, o sujeito amargurado por ser objecto de *bullying* e esquecimento, revolta-se e torna-se o mestre de tudo, não apenas da filosofia, mas do mundo, do seu mundo família e, depois de ser jogado do e pelo mundo, como no Timeu, funda cidades e entrepostos comerciais, volta a ser antropólogo porque o estado de produção em filosofia não pode jamais ser contante e obsessivo, diríamos até, demasiado produtivo, porque há ponto de ancoragem que a antropologia, por conhecer o homem e saber que ele nada sabe, que precisa de ser instruído pelos deuses e os melhores dos humanos, eis então o mito do platónico do filósofo-rei materializado, tornado realidade e as sociedades pacificam-se e vivem sobrevivendo pelo diálogo (Platão, de novo) e as forças humanas da terra subjugadas, submetidas e acumuladas durante anos, em que o antropofilósofo é mero medium, representante, suspeito, acabam por vir ao de cima e equilibra a vida social... Constatação preliminar: o mundo é importante, como o mundo familiar, mas não há um motivo válido para desistires, para abdicares de existir, no mundo, podes pegar num assunto como Camus e não há motivo para acabares com a (tua, note-se), vida, o que não quer deixar de dizer que o maior problema é o suicídio, mas há outros, desde já o nada sartreano, o Todo, a Totalidade de Hegel, a totalidade social, o fenómeno social total dos antroposociólogos, portanto o objectivo é resistir, vivemos numa época de muita informação e esclarecido, em que qualquer valor é logo mediunizado, mediatizado, por isso, se outros vivem e bem, também deves tu viver e bem. Sim, porque, finalmente, a filosofia clássica quase elidiu o Outro, estando em condição de amarrar para sempre o sujeito a ele mesmo. Daí derivam várias doenças e só com as Descobertas e consequente colonização, mesmo que haja aspectos positivos nesse ímpeto histórico, se não acontecesse, talvez não tivesse nascido a antropologia que, a meu ver, não existiu na Idade Clássica e

foi precisamente António Vieira um dos mais poderosamente lúcidos filósofos que fundaram essa Outrologia, ou seja, a ciência do Outro, que muito pode valer, a meu ver, a responder a muitos dos enigmas filosóficos da história da Filosofia, não apenas por simplificar conceptualmente, mas sobretudo por conferir matizes distintos ao Sujeito que se quer conhecer e chegar a uma certa forma de felicidade, mais ou menos duradoura e à realização de uma certa forma de felicidade e ideia de sociedade...

5. DO PANTEÍSMO DO MAL AO JUÍZO FORMALMENTE ALEGÓRICO DO *THEATRUM I-MUNDI*

Depois, acabas por resolver um dilema que tinha mais de trinta anos, ou seja, poder-se-á fazer filosofia sem amar (o mundo, uma pessoa ou mais, tanto em termos físicos como conscienciais)? Depois, surge o conceito de boa filosofia, aquela que ajuda os outros, próximos ou distantes, a levarem a vida para a frente e o essencial do trabalho de todo o filósofo, descobres, é encontrar esses motivos, mesmo que seja mais difícil e complicado do que a ilusão momentânea do senso-comum, como se as pessoas estivessem inutilmente drogadas e encontras no mundo simples, ad nauseam, razões bonitas para fazer filosofia bonita, porque socorrida do mundo ao qual tu viras as costas quando queres entrar e não sair jamais do teu mundo. Daí o que a antropologia, nomeadamente a social, poderá aportar à reflexão filosófica...Mas, se caminhamos para um país secular, do momento presente-instante, isso não quer dizer que percamos os valores e não que os valores (o seu uso e usufruto) esteja apenas sujeito ao foro da Igreja, das igrejas. Foi por este motivo que decidi empreender duas obras, uma *Crítica da Suspensão do Juízo* e uma *Nova Reforma do Entendimento*, que se debruça sobre temas vários, respectivamente, de Kant e de Espinosa, este último especialmente na sua noção de panteísmo, que pretende alumiar sobre a noção de que tudo é Deus, divindade e que esse Deus bom pode ser tão glutão que, antropomorficamente, engole o Mal do Mundo (como se fosse ele mesmo uma substância venenosa, profana), adstrito à fidelidade aos impérios grego e romano, descrito por Schopenhauer num pequeno panfleto (*Sofrimento do Mundo*) sendo que a coisa do toda do que creio ser um fenómeno social total, esta Pandemia do COVID-19, explica muita coisa a respeito da questão dos valores que, julgo, só a filosofia pode cabalmente asseverar.

6. CONCLUSÃO: ENTRE "OUTROLOGIA" E FILOSOFIA, UM ETHOS VALORATIVO DA VERDADE SOBRE UM DESTINO PORTUGUÊS

Por exemplo, a obra de Jonh Gray "A Morte da Utopia" reaviva o mito do homem no exército, do homem-exército enquanto Deus ex-maquina, um Aquiles, um Leviatã, que se presta a defender os seus e valores, sejam seus sejam do Outro, comparando as formigas aos humanos, nos termos de um sociobiologia, de uma etologia em função ou comandada pela evolução, intrínseca ao homens e seus exércitos ou extrínseca, o seja, uma filosofia do formigueiro, onde se notam vários tipos de comportamento político, contanto que uma formiga seja o equivalente a um sujeito humano. Quando vemos e sentimos a Verdade em nós mesmo (e não estou falando no sentido religioso mas filosófica, obviamente sob o que entendo ser a filosofia) e a filosofia é isso mesmo, não só busca da felicidade, mas da verdade e assutamo-nos, porque não estávamos habituados (Vide Scruton, *As Vantagens do Pessimismo*), pelo mais diversos motivos, de que deixo alguns, o salazarismo, o que eu penso ser uma cultura de altos e baixos, pouco mais dizia, não sei bem, quem sou eu para julgar a identidade de um povo, mas certamente terei mais vontade de vencer no quadro do que José Gil fala a respeito dos portugueses, que descarta a questão simplesmente dizendo que Portugal tem medo de existir. Eu não penso assim.

Riachos

14/06/2020